

# A Federação Ausente

Milton Hatoum

Romancista. Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Amazonas



A idéia de Federação é inaplicável para a multiplicidade de manifestações das culturas regionais, mas é nas “periferias culturais” que o fenômeno estético pode evitar a banalização, o estereótipo e o simulacro, revelando algo de “brasilidade”.

Idéia de uma federação de culturas, como se cada Estado ou região expressasse valores locais e a somatória desses valores fosse um todo coeso, nacional, me parece discutível, se não anacrônica. Trata-se de uma idéia de inspiração romântico-populista, dependendo da conjuntura como bem assinalou Alfredo Bosi no ensaio *Dialética da Colonização*<sup>1</sup>.

No entanto, o enorme potencial ou reserva cultural de vários Estados brasileiros esbarra na falta de um projeto educacional voltado para a compreensão, estímulo e produção das várias modalidades de cultura: popular, erudita, de massa, individual. Sobre esse tema, complexo, mas urgente, penso ser oportuno enumerar e expor algumas questões.

Minha mira é o Amazonas, em cuja capital morei nos últimos 15 anos, tendo sido testemunha de

sua modernização acelerada e até mesmo brusca, repleta de matizes de brutalidade e irracionalidade, inerentes à forma de expansão capitalista nas periferias (e também nas metrópoles) dos países subdesenvolvidos. De certo modo, guardadas as particularidades e a dimensão de cada região ou Estado, é provável que a ausência de um projeto cultural ocorra também em outras cidades. Entretanto, o caso de Manaus é exemplar para mim. Na nossa aldeia, sentimos com mais intensidade a faina dolorosa de seu desmoronamento, de sua caída. Difícil é contemplar, calado, escombros e cinzas. Em tempos de cinismo e ceticismo (a rima, aqui, não é apenas repetição de sons), convém substituir a contemplação pela mirada crítica.

## Região, Regionalismo, Cultura Espoliada

O Amazonas, por suas características geográficas, por sua economia descontínua e por sua baixa densidade demográfica, sempre esteve à margem das decisões políticas. A idéia de nação brasileira, forjada ao longo do século passado, era apenas um eco no Amazonas. De certa maneira, ainda estamos longe da Pátria e próximos do vasto mundo hispano-americano que nos cerca. Ou seja, longe do que nos pertence e perto do que nos é inacessível. No entanto, para além dos fatos políticos e históricos, a língua portuguesa nos une visceralmente ao Brasil. A língua, o imaginário e o desejo de romper o isolamento. A interação vertical e horizontal de culturas (e não o mero comércio de coisas) é a forma mais legítima e prazerosa de romper essa fronteira interna. Essa interação não existe: é um sonho, uma imensa lacuna e um dos maiores erros da nossa política cultural.

Quem já andou pelo interior da região, no Alto Purus ou rio Negro, ou mesmo por uma das centenas de ilhas próximas de Manaus, certamente se imbuíu do sentimento de estar só no mundo. Até hoje (ou

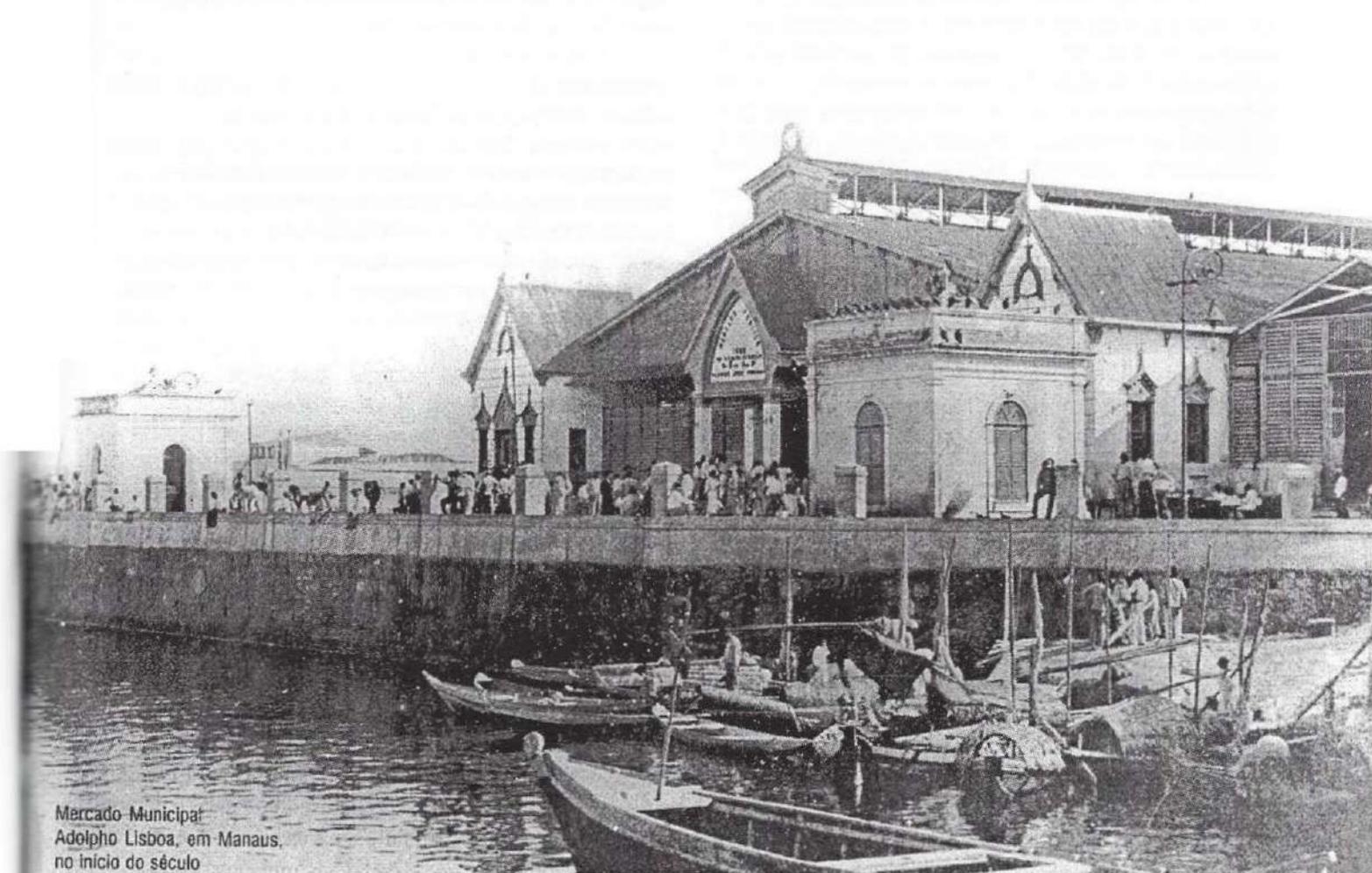
sobretudo hoje, quando o despovoamento do interior do Amazonas é crescente) esse sentimento de solidão radical triunfa. E quase sempre é opressivo. Em lugares assim, esquecemos a Pátria, esquecemos a noção de que pertencemos a uma nação. Esse isolamento, esse mundo fechado, voltado para si próprio, é limitado por uma natureza sem limites: a imensa floresta, com seus rios que formam a maior bacia hidrográfica do planeta. Um visitante (e mesmo um nativo) se sente a um só tempo impotente e fascinado diante de tanta grandeza. Não foi outra a percepção de Euclides da Cunha, ao passar alguns meses na região, entre o fim de 1904 e o começo de 1905, quando chefiou a Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus. Ele escreveu páginas memoráveis sobre a Amazônia, publicadas num livro cujo título diz muito: *À Margem da História*. As frases serpenteantes e o vocabulário culto, arcaizante, cheio de adjetivos, moldam o estilo de Euclides. Sua linguagem parece enredar-se no labirinto que ele observa e descreve. E, como tantos outros viajantes, dos séculos passados e deste século, ele se sente assombrado diante da natureza. No capítulo "Um clima caluniado", ele descreveu: "O recém-vindo do Sul chega em pleno desdobrar-se daquela azáfama tumultuária, e, de ordinário, sucumbe. Assombram-no, do mesmo lance, a face desconhecida da paisagem e o quadro daquela sociedade de caboclos titânicos que ali estão construindo um território. Sente-se deslocado no

espaço e no tempo; não já fora da pátria, senão arredio da cultura humana, extraviado num recanto da floresta e num desvão obscurecido da história."<sup>2</sup>

Com tanto extravio, estranhamento e assombro, Euclides ignorou a cultura humana que se lhe afigurava durante a viagem. Ou seja, ele e muitos viajantes brasileiros e estrangeiros, também míopes, não perceberam a presença e a importância da cultura nativa ou, quando o fizeram, foi com um discurso etnocêntrico, eivado de superioridade. Para Euclides, a Amazônia assemelhava-se a um deserto, entendido como um espaço em que o Ouro se sente "arredio da cultura humana".

A essa natureza, já em si complexa em sua desmesura e variedade, somam-se hoje os vários povos indígenas que a habitam, alguns poucos confinados em reservas, outros destribalizados, à mercê da mais vil espoliação, subproletariados nas periferias de Manaus e de vários municípios amazônicos. O que está à margem da história é, na verdade, uma imensa maioria da sociedade nativa, esbulhada material e simbolicamente desde o começo da colonização.

Quando os economistas afirmam que o Brasil está perdendo o bonde da história, penso imediatamente no fausto da economia extrativista, o "ciclo da borracha", quando Manaus e Belém já



Mercado Municipal  
Adolpho Lisboa, em Manaus,  
no início do século

eram importantes centros urbanos da Amazônia. Não seria um exagero afirmar que, por volta de 1880, Belém era metrópole, e São Paulo sertão. As duas cidades amazônicas foram dotadas de uma infraestrutura urbana moderna, que impressionou os que as visitaram, inclusive Euclides da Cunha, que, numa carta ao seu pai, datada de 30 de dezembro de 1904, teceu o seguinte comentário sobre a capital do Pará: "Nunca São Paulo e Rio terão as suas avenidas monumentais, largas de 40 metros e sombreadas de filas sucessivas de árvores enormes. Não se imagina no resto do Brasil o que é a cidade de Belém, com os seus edifícios desmesurados, as suas praças incomparáveis e com a sua gente de hábitos europeus, cavalheria e generosa. Foi a maior surpresa de toda a viagem."<sup>3</sup>

Em Belém, o assombro de Euclides é de outra ordem: o que o surpreende é ver a réplica de uma Paris em plena floresta equatorial. E é curioso como ele contrasta Belém com Manaus. Sobre esta, ele escreveria, duas semanas depois, para Domicio da Gama: "Caí na vulgaridade de uma grande cidade estritamente comercial de aviadores solertes, zangões vertiginosos e ingleses de sapatos brancos. Comercial e insuportável. O crescimento abrupto levantou-se de chofre fazendo que trouxesse, aqui, ali, salteadamente entre as roupagens civilizadoras, os restos das tangas dos tapuias. Cidade meio européia, meio caipira, onde o tejupar se chata ao lado de palácios e o cosmopolitismo exagerado põe ao lado do yankee espigado... o seringueiro achamboado..."<sup>4</sup>

Os vestígios fortes, da presença indígena na cidade (restos das tangas tapuias) parecem ser, na visão de Euclides, um empecilho nas "roupagens civilizadoras". Ele dissocia, assim, o homem da Amazônia do meio em que vive. Não por acaso, a natureza, para Euclides, "é soberanamente brutal... uma perigosa adversária do homem"<sup>5</sup>

De certa forma, essa dissociação perdura, agravada ainda por uma exclusão brutal dos povos nativos sempre que o Estado aborda os problemas da Amazônia. No âmbito da cultura, ocorre algo semelhante. Nos dois momentos históricos em que o Amazonas foi economicamente forte, as instituições públicas relacionadas à educação e à cultura só funcionaram para uma elite. Na verdade, na concepção do projeto modernizador de Manaus, datado do fim do século passado, os serviços urbanos e as obras destinadas às atividades culturais serviam apenas a uma parcela mínima da população. A opulência gerada pela economia extrativista permitiu a construção de teatros suntuosos em Manaus e Belém, cujas elites mantinham contatos mais próximos com Paris, Londres e Lisboa do que com o Rio, então a capital do país. Passado pouco mais de meio século do colapso da economia gomífera, foi criada a Zona Franca de Manaus, que atraiu centenas de

indústrias (a maioria montadoras) e dinamizou o comércio e serviços.

Apesar das diferenças políticas, sociais, econômicas e demográficas que existem entre os dois ciclos de prosperidade do Amazonas, não é absurdo afirmar que não houve mudanças estruturais entre as políticas públicas de ambos. Em Manaus, onde mora quase metade da população do Estado, saltam aos olhos a concentração de renda e a miséria decorrente.

O populismo que tomou o poder no fim do regime militar até hoje mantém as instituições educacionais e culturais sem nenhum projeto consistente. Construíram-se obras grandiosas para a exibição de festas populares, como o "bumbódromo" de Parintins, onde se realiza anualmente a festa do boi-bumbá. Este é um exemplo de como os meios de comunicação transformam a cultura popular em simulacro, folclore para turistas. Simulacro que é também a modernidade de Manaus, com seus viadutos, passagens subterrâneas e outras obras monumentais, para onde é destinada parte da fabulosa arrecadação fiscal do Estado. No entanto, faltam bibliotecas de bairros e bibliotecas nas escolas públicas. Na capital de uma região onde ainda vivem (ou sobrevivem) dezenas de milhares de índios não há um centro de cultura indígena. Não há, enfim, um projeto cultural orgânico, que possibilite a um jovem estudante amazonense pensar a sua região e relacioná-la com o país e o mundo. O que existe são eventos culturais isolados, pontuais, carentes de organicidade, de um diálogo entre as várias regiões amazônicas, inclusive as dos países vizinhos.

Onde as instituições do Estado se ausentam, a universidade pública tenta preencher essa lacuna, mas esbarra na falta de recursos e no conflito de competência. Esse circuito vicioso, perverso, gera uma sociedade alienada, acrílica e apática. Gera também discursos defensivos e às vezes ressentidos, pautados na busca obstinada de uma identidade amazônica, fechada e auto-suficiente: discursos que supervalorizam ou hierarquizam a cultura regional, acentuando, assim, as condições precárias do isolamento.

## Senhas da Identidade

A afirmação de uma identidade coesa, com contornos nítidos, sem interação ou diálogo com outras culturas, é facilmente manipulada pela política populista. Um exemplo acintoso é a festa do boi-bumbá, já citada. Há menos de 30 anos, o boi-bumbá, durante as festas de São João, estava presente em todos os bairros de Manaus e era festejado em muitos Municípios do Amazonas. O "Festival Folclórico", uma festa realmente popular, tornou-se um espetáculo tão exuberante como o

carnaval carioca, com a presença de políticos, da mídia e de diplomatas estrangeiros numa cidade (Parintins) extremamente miserável.

O discurso populista reitera sempre seu interesse "pelo caboclo amazonense e os valores regionais", mas despreza de uma forma vil o saber e a condição humana desse mesmo caboclo. Despreza atividades e práticas sociais adquiridas por um longo convívio com a natureza, pois era, ao contrário do que afirmou Euclides, só perigosa para quem a desconhece.

Biólogos e cientistas do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA)

aprendem muito com a população ribeirinha sobre fauna e flora, pois a pesquisa científica também lança mão da tradição secular da cultura nativa. Práticas sociais relacionadas com pesca, navegação, arquitetura, culinária e uso de plantas medicinais, ou simbólicas e artísticas, como música, artesanato, ritos, narrativas de lendas e mitos, são ignoradas pelo poder público, que, entretanto, sabe louvá-las (e apenas isso) no momento oportuno. São essas atividades de uma cultura regional que podem enriquecer um saber que é também da nação. Um saber que adquire relevo no mundo cada vez mais uniformizado, ditado pela inépcia de uma política desastrosa e pelas regras do mercado e um de seus avatares: o sucesso a todo custo e a qualquer preço.

A tendência à uniformização ou ao consumo de uma cultura imposta pelos centros mundiais nos leva a repensar mais uma vez a nossa condição periférica. Hoje, parece um contra-senso supor que tal condição ainda exista num país continental que aspira a ser estrela de primeira grandeza, sobretudo depois da aceitação quase unânime de que vivemos num mundo universalista e que nossas contradições ou nossos impasses são meros parênteses ou acidentes de percurso. Mais uma vez, a mídia cria mitologias, e não é difícil acreditar em mitos. E, mais uma vez, é preciso pôr em xeque certas imposições fabricadas por uma parte da mídia, que dilui o saber e o vocabulário de uma região, reduzindo-os a formas estereotipadas, vazias de conceitos e conteúdo. Não é o caso de privilegiar uma geografia específica, numa volta nostálgica a uma cultura "genuína", pintada com a cor local que expressasse um *ethos* brasileiro, particularizado por valores intrínsecos a uma região. Mas talvez seja o caso de contrapor ao estereótipo e ao superficial o

chão nosso de cada dia do passado.

Há uma tradição da cultura brasileira que não pode ser sequestrada pelas incursões dos últimos modismos internacionais ou mesmo nacionais, que, sob a chancela da pós-modernidade, subtraem a cultura brasileira ao seu contexto de significação. Sobre esse tema, vale a pena transcrever uma passagem do ensaio *Dialética da Colonização*: "A pós-modernidade que aceita o delírio do consumível e do descartável, do imediato e do competitivo,

não tem recursos mentais e morais para enfrentar a dissipação dos bens, a disparidade das rendas, o desequilíbrio dos poderes e *status*. A recusa ideológica de olhar para o todo natural-humano, que nos constitui e nos convida a ser-no-mundo, pode dar-se ares de modéstia epistemológica (oxalá fosse), mas, a longo prazo, quem a sustenta como programa de pensamento e ação irá perdendo todo critério de valor e se verá cúmplice das forças da desintegração e da morte."<sup>6</sup>



Euclides da Cunha

A perda de todo critério de valor parece ser a pedra de toque do que o ensaísta chama "saber de migalhas", movido pelo "desejo do descontínuo e do descentrado, com suas figuras correlatas, que dá um ar de família às expressões culturais".<sup>7</sup> "Mais do que nunca, é necessário atentar à lição dos modernistas, que procuraram conhecer e compreender o Brasil por inteiro. As andanças de Mário de Andrade pelo interior do Brasil e a longa viagem à Amazônia, de Belém a Iquitos, eram decisivas para refletir a complexidade regional do país: a dicção, o vocabulário, a paisagem, os costumes, a culinária, a música, a literatura, a arquitetura. A cultura de cada lugar foi filtrada por sua aguda observação, registrada em *O Turista Aprendiz*. É provável que essa viagem tenha sido fundamental para compor *Macunaíma* e vários poemas, como "Louvação da Tarde" e "Acalanto do Seringueiro".

## Regionalismo Transcendente

As obras e o empenho intelectual de artista e escritores do modernismo adquirem um relevo cada vez maior, sobretudo numa época de disseminação do "saber em migalhas", e de imagens e palavras ocas que inundam nosso cotidiano.

Se, por um lado, as instituições públicas não atuam de uma forma articulada e orgânica na

pesquisa, estímulo e promoção das culturas de uma região, por outro, surgem, aqui e ali, obras consistentes, que foram ou estão sendo elaboradas a partir de um longo processo de mutação, de vivência interior e reflexão sobre a realidade brasileira.

Menciono, como exemplo, uma parte da produção da arte brasileira contemporânea, que elegeu como ponto de fuga o aprofundamento de certas questões locais, tornando-as visualmente significativas e surpreendentes.

Os exemplos, de norte a sul do Brasil, reiteram, no ato estético, a superação das oposições externas, quais sejam: regional x universal, rural x urbano. São oposições de um viés antes ideológico, com laivos de afetação e futilidade, que dão margem apenas a discussões estéreis e que tendem a arrefecer com o passar do tempo.

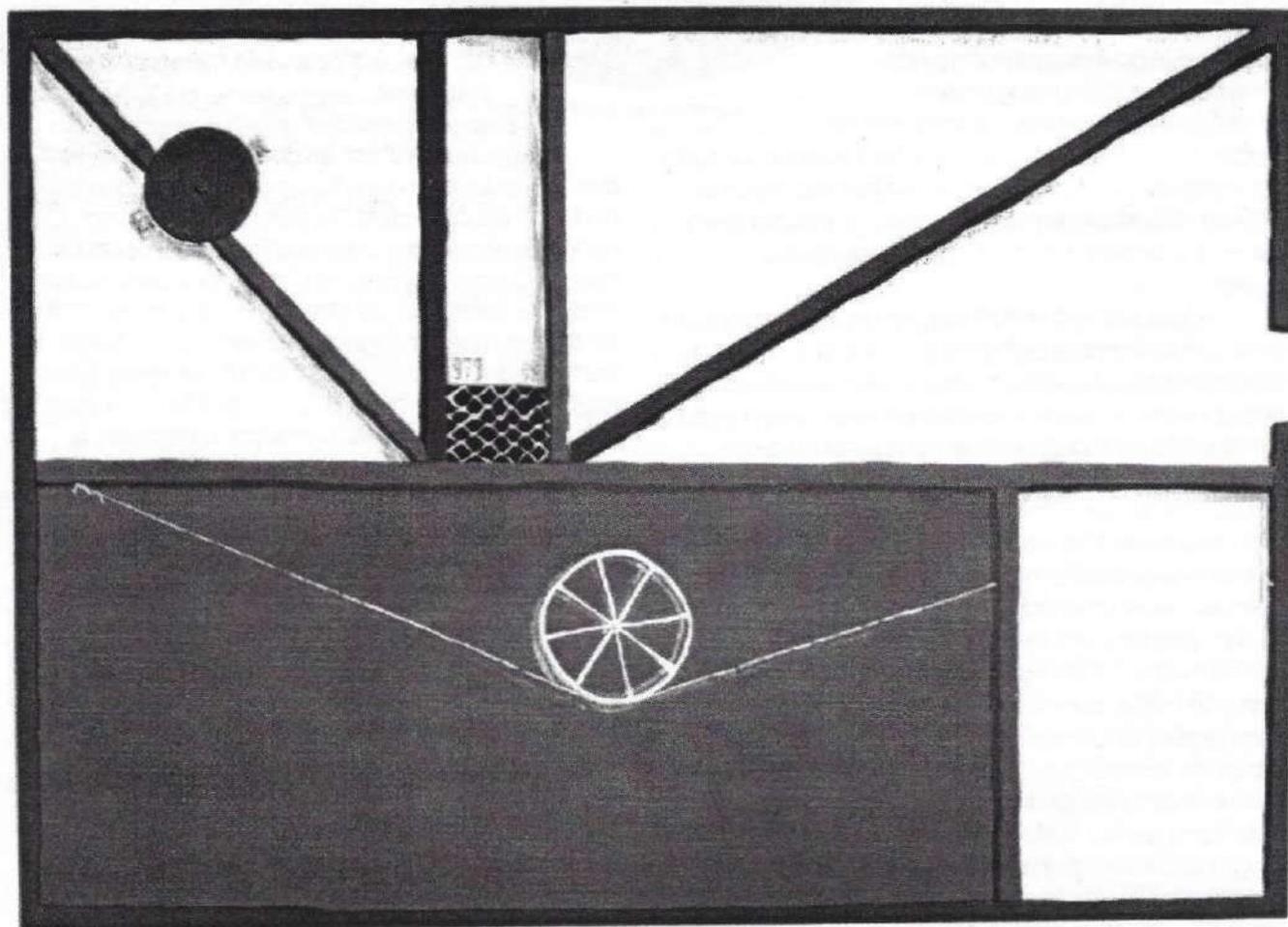
Para alguns artistas da Amazônia, como são os casos do paraense Emmanuel Nassar e do amazonense Roberto Evangelista, a região, ou pelo menos algo dela, passou a ser representada sem os traços ostensivos do exotismo.

A obra de Nassar pode ser vista sob o prisma de quem teve uma formação da arte ocidental, pois suas composições mantêm contatos com o construtivismo de Mondrian e, mais próximo da arte

brasileira, com Volpi. No entanto, os materiais e as cores que Nassar usa em suas obras nos remetem à arte popular paraense, aos brinquedos, aos objetos expostos nas praças belenenses e no mercado do Ver-O-Peso, à vegetação e às frutas amazônicas, como o vermelho arroxeadado do açaí presente em não poucas composições do artista; enfim, a uma série de elementos que invocam plasticamente o trabalho artesanal e a natureza de um lugar.

Assim como as fachadas de casas sertanejas fotografadas por Ana Mariani nos remetem visualmente à obra de Mondrian não é raro a arte arcaico-popular encontrar-se com a moderna e erudita, como ocorreu com as vanguardas históricas das primeiras décadas deste século, inclusive o movimento modernista brasileiro, ao qual devemos, por certo, a abolição da retórica beletrista e a incorporação de culturas regionais até então pouco estudadas ou marginalizadas.

Outros artistas brasileiros contemporâneos caminham nessa direção. Se, por um lado, as xilogravuras do artista pernambucano Gilvan Samico têm algum paralelo com a obra de Lívio Abramo e Goeldi, de quem foi aluno nos anos 50, por outro elas recuperam a imagética da gravura de cordel. Samico, um artista de formação erudita, abordou temas populares



Obra de Emmanuel Nassar



Emmanuel Nassar - artista plástico paraense

logo no começo de sua carreira, quando as figuras de homens, mulheres, crianças e animais, na paisagem do litoral e do interior de Pernambuco, aparecem com uma rara delicadeza na série de xilogravuras que datam dos anos 50. Seu interesse pela rica arte de cordel talvez tenha sido uma opção, uma adesão consciente. E mesmo em sua produção posterior, dos anos 60 até a mais recente (quando suas gravuras são quase sempre elaboradas de forma simétrica, cheias de emblemas, signos heráldicos e temas bíblicos), é possível detectar traços fortes do fabulário sertanejo, como nas litografias "O bordado e o dragão" e "A moça do vestido de listras", ambas de 1977.

As composições planas, quase iluminuras, de Samico contraiam mais uma vez o lugar-comum que pontifica a dissociação entre o erudito e o popular, cuja harmonia ou síntese já se encontrava nas melhores obras da nossa literatura contemporânea, de Jorge de Lima a João Cabral de Melo Neto, de Mário de Andrade e Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.

Dentre os artistas mais jovens, o mineiro Marcos Coelho Benjamim, um dos mais representativos da nossa contemporaneidade, constrói sua arte a partir dos objetos mais triviais: tiras de zinco oxidado, tampinhas de garrafa, pedaços de madeira e latão, arame, colheres de pau, pedras. São fragmentos ou restos de objetos encontrados no solo e subsolo de Minas, aos quais o artista de Nanuque dá forma por meio de um rigor geométrico, transformando, com maestria, o dejetivo em objeto estético. Ele recupera o antigo saber do artesão, tão vivo e presente em Minas Gerais, onde ainda hoje podemos encontrar amostras de rara beleza da arte popular, como provam os artistas da Oficina de Agosto, em Tiradentes. Essa linguagem própria, fundada numa geometria sensível, resulta "numa espécie de *arte povera*, cabocla, caipira, mineiríssima", para usar as palavras do crítico Olívio Tavares de Araújo.<sup>8</sup>

A matéria de Minas (os materiais do artista) é reelaborada de uma forma paciente, artesanal, como se os fragmentos de coisas rejeitadas ou esquecidas fossem repensados e reordenados até formarem um

novo objeto, cuja textura e forma remetem o espectador a uma matéria ancestral, mineral, outra. A surpresa da arte de Marcos Benjamim reside nessa metamorfose inesperada, na passagem da coisa bruta ao objeto cortado, lapidado e eventualmente pintado, cujo efeito plástico dialoga com a matéria original: as entranhas de Minas, e também seu céu azulado, o azul ultramar que aparece em várias obras do artista.

Recuperar ou trilhar uma tradição que se encontra na arte ou no cotidiano da vida brasileira é um traço comum na obra desses artistas.

Quando um artista ou escritor de uma região considerada periférica aprofunda temas locais e os elabora enquanto ato estético, sua arte pode dizer ou insinuar muita coisa sobre uma suposta "brasilidade", refratária aos estereótipos. Às vezes, essa brasilidade reside numa mescla complexa de elementos, fórmulas e formas: "a matéria dissonante", mencionada por Roberto Schwarz num comentário sobre a obra de Machado de Assis<sup>9</sup>.

Onde o leitor ou observador menos espera, podem despontar (nas entrelinhas de um texto ficcional ou na combinação de elementos de uma imagem) sinais de uma singularidade nacional.

A idéia de uma Federação pode estar na especificidade, na compreensão das situações particulares de uma arte produzida tanto nas metrópoles quanto nos confins do país. Uma arte livre de amarras, livre das imposições de fora e de dentro, que geram dois tipos renitentes, opostos, mas igualmente míopes: o deslumbrado, que só tem olhos para o que vem do exterior e aceita tudo, todos os lances do grande cassino chamado globalização, cuja roleta gira também no mundo das artes. O outro, de tanto olhar para o próprio umbigo, se esquece ou se esquiva de uma tradição cultural estrangeira, fértil, filtrada pela crítica, já assimilada e digerida pela arte e literatura brasileiras. O primeiro, extasiado, pensa que o ensinamento dos modernistas já se esgotou; o segundo, cego, não lhes assimilou a lição.

E o que subjaz de essencial nessa lição é o desejo de romper as nossas fronteiras culturais, sem sermos alheios ao que nos pertence: o saber, a História, o cotidiano. Nossa condição humana e nossa linguagem: culturas.

#### Notas

- <sup>1</sup> Alfredo Bosi, *Dialética da Colonização*, Companhia das Letras, São Paulo, 1996. P.323.
- <sup>2</sup> Euclides Cunha, *À Margem da História. Obra Completa*, vol.1, Companhia José Aguilar Editora, 1966, p.245.
- <sup>3</sup> Op.cit., vol. II, p.655a.
- <sup>4</sup> Idem, p. 657.
- <sup>5</sup> Idem ibidem, p.657.
- <sup>6</sup> Op. cit., p.353.
- <sup>7</sup> Idem, pp.352/353.
- <sup>8</sup> Cf. *O auge e a aldeia*, texto de apresentação do catálogo da exposição de Marcos Coelho Benjamim (19 de novembro a 23 de dezembro de 1977 / Marília Razuk. Galeria de Arte, São Paulo).
- <sup>9</sup> Roberto Schwarz. *Que horas são*. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.